



O lote perdido e a edificação da embaixada de Portugal em Washington

Jorge Martins Ribeiro - jribeiro@letras.up.pt ;

Em Maio de 1797, os comissários da nova capital federal, Washington, escreveram a Cipriano Ribeiro Freire oferecendo a Portugal um lote de terra na cidade, então em construção, para a edificação de uma residência para os representantes portugueses, junto do governo dos Estados Unidos. O diplomata agradeceu, informando que iria dar disto, parte a Lisboa, e ficar a aguardar ordens. Na mesma altura, os ministros da Espanha, Grã-Bretanha, Holanda e possivelmente da França receberam propostas do mesmo tipo.

Os enviados de Madrid e Londres partiram quase de imediato para a nova cidade, a fim de escolher a parcela de terreno que melhor lhes conviesse. Freire, porém, não achou próprio proceder a esta diligência sem autorização expressa do seu governo. As autoridades portuguesas deram ordens no sentido de que a aceitação da oferta dos Estados Unidos fosse aceite e ordenaram a Freire para se deslocar a Washington, a fim de escolher o terreno. Este, contudo, teve de adiar a viagem até à Primavera, devido à neve e ao gelo, que, inclusive, tinha feito parar as obras na nova capital. Em Maio do ano seguinte, o ministro dirigiu-se à cidade em construção, onde examinou vários locais e falou com diversas pessoas, enquanto esperava pela chegada dos comissários. Um deles, Gustav Scott, após ter regressado, entrou em contacto com o diplomata português, colocando-se à sua disposição e chamando a atenção para o facto do lote, só poder ser escolhido entre os que eram propriedade federal. Os espaços destinados, no plano original, às representações estrangeiras não lhe agradaram, por não serem salubres, além de que uma vez cercados por construções particulares ficariam sem vista nenhuma. Também não achou próprios para local de residência, de um representante diplomático, outros terrenos que lhe foram propostos. Assim, escolheu um quarteirão, com uma localização excelente, situado mesmo ao lado do domicílio oficial do Presidente dos Estados Unidos.

Cipriano Ribeiro Freire descreve a parcela escolhida como estando situada "sobre huma collina, ou elevação de 53 pés ao nível da maré preamar no rio Potomac, que fica situada a breve conveniente distância da casa do Presidente dos Estados Unidos, e das repartiçoens de

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

Basantibus de

estado e govêrno; gozando da vista dos jardins proximos sobre que domina, do prospecto vasto dos dous grandes rios e partes de Virginia e Maryland, e unindo em sí todas as conveniencias que se podiam dezejar." Este terreno, a leste do lote 171, é presentemente um espaço verde incluído no quarteirão delimitado pela 17th Street, pela State Place, pela South Executive Avenue e pela E Street, a sudoeste dos jardins da Casa Branca. Conforme se vê, a localização era excepcional e a melhor que havia para oferecer a qualquer país. Os comissários reuniram-se no dia seguinte e aprovaram esta escolha, prometendo que não seria autorizada a construção de edifícios à volta, que obstruíssem a vista.

O representante português não perdeu tempo a encomendar ao arquitecto inglês George Hadfield, que dirigia e superintendia as obras do Capitólio, o projecto do edifício a implantar no lote doado. A construção devia ser baixa, pois o terreno era vasto e situava-se num ponto elevado. O ministro preferia uma casa de tipo inglês, com as dependências anexas (cozinha, copa e adega) debaixo do primeiro andar, influência da sua prolongada estada na Inglaterra. Já a cocheira, cavaliariça, palheiro e quartos de alguns criados deviam situar-se em edifício separado, havendo em tudo isto o senão de serem necessários quase 52.000 dólares para a conclusão de uma tal obra.

Apesar deste início auspicioso, a verdade é que não se chegou a construir nada na parcela cedida, tendo para isso contribuído vários factores. Freire regressou a Portugal, em finais de 1799 e o governo português não teve nenhum representante diplomático junto do executivo dos Estados Unidos, até 1805. Depois desta data, e até 1816, os interesses portugueses estiveram a cargo de um simples encarregado de negócios. A isto podemos acrescentar, o elevado custo da construção projectada e o facto de Portugal ter vivido momentos difíceis a partir de 1800, tendo o país de fazer face a necessidades bem mais prementes, que não se coadunavam com a construção de um edifício dispendioso para alojar a sua representação na nova capital americana. Por outro lado, os diplomatas portugueses, caso de Correia da Serra, preferiram continuar a viver em Filadélfia, cidade muito mais sofisticada e atractiva, do ponto de vista cultural, que Washington. Deste modo, em meados de oitocentos, ante uma outra realidade tanta portuguesa como da capital americana, Portugal teve de aceitar como contrapartida um outro local, bem menos nobre, onde instalar a sua representação diplomática.